

Professora **Andrea Rodrigues de Oliveira**

EM Bonfim – Juiz de Fora/MG

Título

Identidade, Arte e Literatura: uma parceria colorida.

Resumo

Eu quero aquela cor. Como ela chama? Hummmm... Azul? A partir de falas como essas percebemos que as crianças não estavam familiarizadas com o mundo das cores, e isso estava evidente em seus trabalhos, que incluíam poucas – e geralmente, as mesmas – cores. Assim surgiu a ideia de um projeto que pudesse ampliar esses conhecimentos das crianças ao mesmo tempo que se integrasse com o tema gerador desenvolvido na escola: criança e identidade. Partindo da história de um livro sobre gizes de cera que apresentavam queixas relacionadas às suas características, o projeto em questão contemplou a familiarização das crianças com as cores, com o mundo da comunicação (através das cartas enviadas pelos gizes) e das Artes Visuais, além de importantes conversas sobre sentimentos e características, sobre ter um olhar atento ao outro. Afinal, quem poderia imaginar que um giz de cera pudesse estar insatisfeito com seu trabalho?

Cartas de diferentes gizes de cera chegavam para as turmas a cada semana, propiciando trabalhos de mosaico, pinturas, desenhos de figura humana, mistura de cores, recorte e colagem, além de releituras de obras de renomados artistas, que acabaram por se tornar conhecidos das crianças. Os trabalhos eram expostos semanalmente nas paredes da escola, finalizando com um portfólio compartilhado com crianças e pais.

O projeto possibilitou a ampliação de conhecimentos dos alunos sobre artes e artistas e sobre a escrita enquanto forma de comunicação de uma maneira bastante divertida – e colorida.

Planejamento

No ano de 2016, nos primeiros encontros com as crianças, percebemos – eu e minha parceira de trabalho – a necessidade de um trabalho para o reconhecimento das cores e ampliação da variedade do uso das cores nas produções. Havia muita insegurança na hora de fazer as atividades. A frase "Eu não sei fazer" estava presente na proposta de desenho das duas primeiras semanas de aula, quando estávamos conhecendo as turmas. Além de atender a essa demanda, o projeto de Arte e Literatura deveria estar em consonância com o tema proposto pela escola, que naquele momento era identidade.

O nosso desafio – enquanto professoras regentes II, que desenvolvem o projeto de Arte e Literatura – é abordar o tema proposto pela escola (identidade) com um enfoque diferenciado, complementar o que as professoras regentes I desenvolvem, e atingir os objetivos da nossa área, especificamente.

Pesquisávamos sobre como seria o projeto quando descobri o livro *A Revolta dos Gizes de Cera*, escrito por Drew Daywalt e ilustrado por Oliver Jeffers, e o levei para minha parceira, Keila, analisar. Já na primeira leitura do livro percebemos que tínhamos em mãos o elemento que poderia desencadear todas as atividades do período letivo: afinal, a história em questão nos

propiciaria contemplar o tema identidade por meio de reflexões sobre as características de cada giz de cera apresentado no livro, bem como desenvolver um trabalho que proporcionasse às crianças o reconhecimento das cores e a ampliação de seu uso.

O livro apresenta a história de Diego, uma criança que se encontra no ambiente escolar e, ao abrir sua caixa de giz de cera, acha uma pilha de cartas endereçadas a ele. São doze cartas, cada uma escrita por uma cor que, assim como nós, tinha as suas características, necessidades, desejos e frustrações. Optamos por apresentar dez cores, entre as mais e menos usadas por eles, e as que, de acordo com as características do giz de cera apresentado, ofereciam maior possibilidade de desenvolver o trabalho com o tema identidade e apresentar obras de arte e pintores, um dos objetivos do nosso trabalho com Arte na escola, pois sabemos que muitos de nossos alunos terão a única possibilidade de reflexão, apreciação e criação artística no ambiente escolar. Assim, trabalhamos com o vermelho, o azul, o amarelo, o branco, o cinza, o bege, o laranja, o verde, o preto e o rosa.

Nossos objetivos com esse projeto foram: reconhecer e nomear cores; utilizar diferentes cores e técnicas nas produções; perceber a possibilidade de criar novas cores a partir da mistura das cores; usar adequadamente a tesoura para recortes; manusear tintas e pincéis; desenhar figura humana; conhecer um pouco da vida dos artistas Aldemir Martins, Van Gogh e Henri Matisse, e algumas de suas obras; criar produção a partir de leitura de imagens das obras de diferentes pintores; apreciar a leitura de poemas; produzir pinturas, desenhos, recortes e colagem; apreciar a própria criação e a dos colegas; possibilitar o reconhecimento de si mesma e do outro, suas igualdades e diferenças. Para atingir os objetivos acima, usamos os seguintes conteúdos curriculares de Artes Visuais: montagem de mosaico no papel; desenho (criação) com lápis de cor, giz de cera e hidrocor; pintura; figura humana; cores, possibilidades de uso e misturas; criação e construção de obras com recortes de papel e guache em diferentes portadores.

Com o trabalho pensado, definido, era hora de colocar "a mão na massa" para podermos desenvolver o projeto. Em primeiro lugar, definimos como apresentar a história para as crianças – e não seria através do livro; depois, pesquisando em livros de artes disponíveis na escola e em nossas bibliotecas pessoais, bem como na internet, procuramos por obras de arte que, de alguma forma, estivessem relacionadas às cores selecionadas ou que atendessem às insatisfações apresentadas pelos gizes de cera da história. Essas obras seriam partilhadas com as crianças através de cópias feitas pela escola em tamanho A3.

Para desenvolver o projeto, eu e minha parceira de trabalho usamos, além das cópias das obras de artes, pratos de papelão, papel A3 e A4 brancos, papel vermelho e preto, giz de cera, lápis de cor, guache, canetinhas, tesoura e, no 1º período, sementes de girassol, uma caixa e digitalizações das cartas, lápis de escrever e borracha.

Diagnóstico

A Escola Municipal Bonfim está inserida em um bairro próximo ao centro da cidade e a população atendida pela escola é, em sua maioria, de classe baixa; muitas famílias da nossa escola recebem subsídio do governo. A comunidade é bastante envolvida nas atividades escolares, bastante receptiva. Temos trabalhado muito para estreitar os laços com a comunidade através das reuniões com pais/professores e de atividades extracurriculares desenvolvidas para as famílias. A nossa escola não tem prédio próprio: ocupa dois prédios alugados pela prefeitura. Um dos prédios é térreo, com um pequeno espaço aberto para as crianças brincarem; o outro é um

prédio de três andares (na verdade, apartamentos) convertido em escola. Não temos espaço adequado para a Educação Física, por exemplo, tampouco para as nossas aulas de artes, que são feitas em sala de aula. Mesmo assim, seguimos tentando desenvolver o melhor trabalho possível com total apoio da direção, adaptando nossos projetos à nossa realidade.

O trabalho de arte na Escola Municipal Bonfim é, na verdade, um projeto de Arte e Literatura de complementação de carga horária, atendendo todas as turmas da escola. Para o desenvolvimento deste projeto cada turma possui a carga horária de 4 horas e 40 minutos semanais com a professora regente II. Na rede municipal de Juiz de Fora, os professores são contratados para uma carga horária de 20 horas semanais, sendo que um terço dessa carga horária é destinada a planejamento e formação. Com o intuito de complementar a carga horária da criança/aluno(a), estipulou-se o cargo de regente II que, nesta escola, foi escolhido para executar o projeto de Arte e Literatura. Nossa proposta é realizá-lo de forma integrada ao tema que está sendo desenvolvido pelas professoras regentes I.

As responsáveis pelo projeto de Arte e Literatura na E. M. Bonfim também não possuem formação específica em arte e buscam, por meio de leituras e de suas experiências, desenvolver o trabalho nesta disciplina, que em nossa escola possui o enfoque para as Artes Visuais.

Desde que entrei na E.M. Bonfim, há dez anos, fui designada para o projeto de artes. Nesse tempo, percorremos um longo caminho, onde nossas aulas deixaram de ser de ser mero apoio das professoras regentes I ou passatempo sem significado para ganhar seu próprio espaço, com uma proposta fundamentada em princípios das Artes Visuais, entendendo que a arte se constitui como linguagem capaz de desenvolver o pensamento crítico, a reflexão, imaginação e criação, sendo assim, uma linguagem essencial para o desenvolvimento infantil.

Na prática deste projeto, no turno da manhã, tenho como parceira a professora Keila Cardoso Castro Mantuan.

O projeto que apresento aqui foi desenvolvido com as turmas de 1º e 2º períodos da Educação Infantil e nas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. As turmas eram bastante diferentes. Por exemplo: um 1º período já havia frequentado a nossa escola na sala de Creche 3 (3 anos); o outro 1º período era de crianças novas na escola ou vindas de creches. Já as duas turmas de 2º período e 1º ano já eram nossos alunos, o que facilitou o diagnóstico e elaboração do projeto. A maior dificuldade para o ensino-aprendizagem que enfrentamos é a frequência. Por trabalhar no período da manhã, as faltas de alguns alunos são frequentes. Nestes dez anos que trabalho como regente II (Artes e Literatura), através de muita conversa com os pais nas reuniões, conseguimos praticamente igualar a frequência nos dias de aula de artes aos dias de aula com as professoras regente I. Sinto que precisamos evoluir em relação aos objetivos de trabalho: é necessário ter clareza do que se fazer, quando fazer e como fazer, para além dos temas geradores de nossas aulas (a saber: criança e identidade, criança e cultura, criança e natureza). Procuramos sempre (eu e minha parceira em artes) desafiar ao máximo nossos alunos – respeitando, é lógico, seus limites e individualidades – para que possam descobrir seus talentos, suas habilidades.

Todo início de ano – por estarmos na Educação Infantil – temos uma semana de adaptação. Depois, fazemos umas três ou quatro aulas onde conversamos com as crianças sobre o que é arte, com apoio de livros de literatura. Nesses momentos, através de rodas de conversa e de produção de trabalhos artísticos mais livres, pudemos perceber, em 2016, que as crianças não diferenciavam bem todas as cores, e se restringiam a uma ou duas delas em seus

desenhos/pinturas. Observamos, ainda, que a grande maioria apresentava dificuldades em manusear a tesoura ou não sabiam como fazê-lo. Não fizemos um registro desse diagnóstico inicial, foi pura e simplesmente observação em sala de aula dos trabalhos das crianças e escuta atenta do que nos era contado. E foi a partir dessas observações/escutas, que começamos a pensar em nosso projeto.

Desenvolvimento

A obra literária escolhida como ponto de partida do projeto de arte – *A revolta dos Gizes de Cera* – traz para o leitor uma história em que o personagem Diego se encontra no ambiente escolar e, ao abrir sua caixa de giz de cera, acha uma pilha de cartas endereçadas a ele.

Digitalizamos as cartas que escolhemos trabalhar e colocamos cada uma em um envelope da mesma cor do giz remetente. Confeccionamos uma caixinha com o símbolo dos Correios para depositá-las. Nossa ideia era, a cada semana, trabalhar com duas cartas, totalizando seis semanas de trabalho. A ideia geral para o trabalho com as cartas dos gizes de cera era propor trabalhos que atendessem às "reclamações" feitas nas cartas, resolvendo os problemas enfrentados pelos gizes e explorando as características apresentadas por cada um, dando oportunidade às crianças de conversarem sobre essas reclamações, concordando ou não com elas.

Na primeira semana, apresentamos a caixa com as cartas e, em um primeiro momento, a exploramos, dando oportunidade às crianças de levantarem hipóteses sobre o que havia dentro. Trabalhamos o símbolo e conversamos sobre o serviço prestado pelos Correios. Ao surgir a hipótese de haver cartas dentro da caixa, conversamos sobre esse gênero textual, enfatizando a sua finalidade.

Passado este momento, ainda na roda de conversas, chegou a hora de descobrir o que, na verdade, havia dentro da caixa. Foi uma surpresa e tanto para elas ver que havia uma carta. E mais: que era uma carta de um giz de cera! As crianças ouviram atentamente a carta enviada pelo giz de cera Vermelho. Ele escrevera que estava insatisfeito por trabalhar mais que os outros gizes, colorindo maçãs, carros de bombeiro, corações e papais noéis. Após a leitura da carta, conversamos sobre o que é comum ser da cor vermelha e convidamos as crianças para ouvirem o poema *Vermelhos*, de Lalau e Laurabeatriz. Aliás, todos os poemas usados nesse projeto foram extraídos do livro *Uma cor, duas cores, todas elas*, dos autores acima citados. A proposta que fizemos para o trabalho com a carta do giz de cera vermelho foi fazer um trabalho com a cor vermelha sem usar o giz de cera, dando para ele um dia de descanso. Apresentamos a técnica de mosaico e, com pedacinhos de papéis recortados pelas crianças, cada uma fez um coração – símbolo associado à cor vermelha no poema lido. Ao final, tivemos mais uma roda de conversa sobre os sentimentos. Depois, foi a vez de receber a carta do Azul: ele demonstrava a alegria por ter sido a cor preferida de Diego o ano todo, mas também apresentava o problema de ter se tornado um giz bem pequeno, que agora só ficava no fundo da caixa. Antes de apresentar a proposta de trabalho, conversamos sobre este sentimento de alegria e em quais situações da vida cada um se sentia assim.

Apresentada a carta, mostramos para as crianças a obra *O gato azul*, do artista brasileiro Aldemir Martins. Como sempre fazemos ao apresentar uma obra, contamos um pouco da vida do artista. Durante o período de apreciação, conversamos sobre o uso da cor azul no gato: alguém já viu gato dessa cor? De que cor são os gatos que vocês já viram? Será que podemos fazer um gato azul? Com estas perguntas, mostramos às crianças as inúmeras possibilidades de representação

nas artes, pois uma obra de arte é uma obra de criação, e nela eu posso imaginar coisas diferentes, que não existem na vida real. A discussão foi muito interessante, pois as crianças nos mostraram que para elas não havia problema em ver um gato azul, e o acharam muito bonito. O momento do fazer artístico deste dia foi de uma releitura da obra: cada criança recebeu uma folha onde havia apenas o contorno do rosto do gato (para que elas tivessem um referencial de tamanho, e não se sentissem desmotivadas ao fazer), deixando o corpo, detalhes do rosto e fundo da imagem por conta de cada um. O encontro deste dia terminou com mais um momento poético, com a leitura de *Azuís*, de Lalau e Laurabeatriz.

Apesar de não ter mais a novidade do que teria dentro da caixa, percebemos o quanto as crianças estavam envolvidas com o projeto. Éramos recebidas com as perguntas: "Hoje tem carta?", "Qual giz de cera escreveu agora?".

Prosseguimos na semana seguinte com a carta enviada pelo giz de cera Branco, que demonstrava a tristeza de muitas vezes ser da cor do papel e não aparecer. Em nossa roda de conversa, primeiro falamos deste sentimento e de situações que nos deixam tristes. Depois, nossa discussão foi sobre como resolver o problema do Branco. O que fazer para ele aparecer? Apresentamos a obra *Jazz*, do artista francês Henri Matisse, e um pouco de sua vida. A atividade relacionada à carta foi criar formas variadas na cor branca, recortar e colar em folhas pretas. Pronto! O Branco apareceu, e as obras de arte dos pequenos artistas ficaram lindas! O poema *Branco*, de Lalau e Laurabeatriz, esteve presente enriquecendo a aula. Depois, apresentamos a carta do giz de cera Cinza. Este reclamava de estar cansado de dar colorido a enormes animais, como elefantes, hipopótamos e rinocerontes, e apresentava à Diego a sugestão de desenhar filhotes destes animais ou pedrinhas, por serem menores. Lemos para as crianças o poema *Cinzas*, de Lalau e Laurabeatriz, e apresentamos a proposta do dia. A ideia seria dar uma folga ao giz de cera Cinza e usar a tinta. Mas, como? Não tínhamos a tinta na cor cinza. O momento da hora da pintura foi de experimento, conversando sobre como fazer o cinza. Mostramos todas as guaches para ver as hipóteses levantadas para fazer a cor que precisávamos. Muita conversa depois, foi surgindo a proposta de misturar o preto e branco; afinal, o cinza é mais claro que o preto. Tinta misturada, cada criança realizou a sua pintura livre, tentando deixar o giz de cera Cinza mais descansado...

E assim seguimos nosso trabalho. Na terceira semana, resolvemos apresentar duas cartas que estariam associadas a um mesmo trabalho. A primeira carta foi a do giz de cera Amarelo, que conta que não estava mais conversando com o giz Laranja. O motivo seria a disputa sobre quem era a verdadeira cor do Sol. Na segunda carta, ouvimos a indignação do giz de cera Bege por ser ora chamado de marrom claro, ora chamado de amarelo escuro. Envolvidos nestas situações, nossa terceira semana de trabalho trouxe um momento de reflexão sobre as cores que podemos ver no Sol: ele é só amarelo? É só laranja? Logo em seguida apresentamos a obra *Doze girassóis em um vaso*, de Vincent Van Gogh, e contamos um pouco sobre a vida deste grande artista. Escolhemos esta obra para este momento do projeto pelo fato de esta flor estar sempre voltada para o Sol – um jeitinho para deixar o Amarelo feliz, em contato com o Sol.

Conversamos sobre as características desta pintura, as cores usadas nas flores e no vaso. Observamos que alguns girassóis representados por Van Gogh já haviam murchado, outros estavam abrindo e outros, ainda, estavam bem abertos, e trouxemos para as crianças informações sobre esta planta. O fazer artístico desta aula foi a releitura desta obra de Van Gogh, usando tinta guache nas cores amarela e em diferentes tons de marrom, além do verde. Com os

diferentes tons de marrom, pudemos mostrar às crianças como o bege era diferente, não sendo nem marrom nem amarelo, mas uma bela mistura! Trabalhamos com as crianças passo a passo nesta releitura, desde o cuidado ao pegar a tinta até como poderia ser a pincelada no papel. A releitura foi bem livre, pois conversamos com eles sobre o fato de uma releitura não ser uma cópia da obra, mas sim a obra feita do seu jeito, mantendo algumas características essenciais: no caso, os girassóis em um vaso. Nos primeiros períodos, as crianças tiveram mais dificuldade, e oferecemos sementes de girassóis para usarem nos trabalhos; esta pequena atitude os deixou mais confiantes com suas obras. Sem sombra de dúvida, este foi o ponto alto do projeto, não só pelo resultado, mas pelo envolvimento das crianças, que se encantaram com a obra de Van Gogh e com suas próprias obras, mostrando, com orgulho, seus trabalhos – expostos nas paredes da escola – aos pais na hora da saída. O resultado foi além de nossas expectativas. Os trabalhos ficaram lindíssimos, e foram destaque na Festa Cultural que acontece em nossa escola.

Na quarta semana, não poderíamos deixar de apresentar a carta da cor Laranja; afinal, o Amarelo estava brigado com ele. O que será que o Laranja achava disso tudo? Só lendo a carta para saber! O Laranja queixava-se do giz de cera Amarelo e afirmava que era ele a verdadeira cor do Sol. Novamente trouxemos para a turma o artista Henri Matisse, desta vez com a obra *Goldfish*. Exploramos as cores e outras características da obra, como a quantidade de peixes. Descobrimos que, apesar de a obra se chamar *Peixe dourado*, os peixinhos eram laranja. Então, usando um pratinho de papelão, as crianças pintaram e confeccionaram um móbile de peixe laranja. Logo depois apreciamos o poema *Laranjas* de Lalau e Laurabeatriz. Em seguida, a carta retirada da caixinha dos Correios foi a do giz de cera Verde que, diferentemente dos outros, não tinha nada para reclamar e estava feliz em colorir tantas coisas de verde. O giz de cera Verde só resolveu escrever porque estava preocupado com a situação dos gizes Amarelo e Laranja, pedindo para Diego resolver a situação. Assim, ele demonstrava preocupação com o próximo, uma característica que não poderíamos deixar passar em nossa roda de conversa. Mas já havíamos resolvido o problema dos dois, e, como o giz de cera Verde estava feliz em trabalhar, nossa proposta foi usar diferentes tons desta cor para um desenho livre com giz de cera, dando-lhes, ainda, a oportunidade de escolher onde queriam desenhar: na mesinha ou deitados no chão. O poema *Verdes*, de Lalau e Laurabeatriz, encerrou este encontro.

Na quinta e penúltima semana do projeto, a carta que chegou vinha daquele que odiava ser usado apenas para o contorno, o giz de cera Preto. Com a ajuda do artista Henri Matisse, trouxemos para a sala o fato de o Preto poder ser bem mais do que um contorno, apresentando a obra *Icarus*. Esta temática foi interessante, pois notávamos no dia a dia que poucas crianças escolhiam o preto para colorir ou pintar seus desenhos; então, ouvir a "reclamação" do giz Preto foi um início para popularizarmos e desmitificarmos o uso dessa cor. O trabalho que escolhemos foi a releitura desta obra, e não foi tarefa fácil: as crianças se empenharam no desenho e recorte da figura humana, mas algumas tiveram muita dificuldade, e, precisamos lembrar, mostrando nos próprios corpos delas, as partes do corpo humano. Mesmo assim, a dificuldade no recorte fez com que alguns precisassem de mais folhas pretas para novas tentativas. Fizemos uma adaptação para o 1º período, que utilizou peças dos blocos lógicos como moldes para serem contornados com qualquer cor da canetinha menos o preto; depois, as crianças usaram o giz de cera preto para colorir essas figuras... No final todos ficaram satisfeitos e obtivemos belas produções. O poema *Pretos*, de Lalau e Laurabeatriz, despertou o interesse das crianças, que acrescentaram o fato de que a máscara, a roupa e a capa do Batman serem desta cor. A última carta que selecionamos para este projeto não poderia faltar: a carta do giz de cera Rosa. O motivo

pelo qual a escolhemos foi o mesmo apresentado pelo giz Rosa em sua carta: o de muitos pensarem que é uma cor só de meninas. Foi uma ótima oportunidade para ouvir as crianças e conversarmos sobre este assunto tão polêmico. A proposta de atividade foi seguir a sugestão da carta e desenhar brinquedos que geralmente os meninos usam mais usando a cor rosa. Com canetinha, lápis de cor e giz de cera, tudo na cor rosa, as crianças criaram belíssimos desenhos e se divertiram.

Na última semana deste projeto trouxemos para os alunos a reflexão sobre a beleza da união e do uso de todas as cores. Neste dia, contamos para as crianças que existia um livro com todas as cartas que eles conheceram, e fizemos, enfim, a leitura do livro *A Revolta dos Gizes de Cera*. Refletimos sobre a produção final de Diego, e depois apresentamos mais uma obra de Henri Matisse, cujo nome já era familiar às crianças. A obra apresentada foi *The Sheaf*, e a proposta foi a criação de uma obra coletiva com muitas cores, inspirada na obra de Matisse. Nela, cada criança contornou a própria mão para, depois, pintá-la na cor que desejasse.

Separando as atividades do projeto com as crianças, percebemos a alegria em ter novamente nas mãos as suas produções. Como de costume, montamos o bloco de atividades recapitulando cada encontro, e nos surpreendemos com a riqueza de detalhes que havia ficado na memória das crianças. O projeto desenvolvido é apresentado aos pais através de um portfólio montado para cada turma, que à época era feito em PowerPoint. Este material está anexado ao final, mas como um portfólio único, para visualização do desenvolvimento do projeto nas diferentes turmas.

Em duas turmas onde desenvolvemos o projeto, havia crianças no regime de inclusão: uma criança autista e uma criança com baixa visão. Ambos contavam com o apoio de uma professora bidocente que os auxiliava de forma individualizada na realização das tarefas.

Avaliação

Aprendizagem

Pensamos que a avaliação em arte deve ser feita não apenas por meio da análise e reflexão das produções, e sim por todo o processo, proporcionando aos professores e as crianças a reflexão sobre o trabalho desenvolvido.

Durante todas as etapas do projeto registramos com fotografias os momentos que vivenciamos e, ao final, montamos um portfólio em apresentação no PowerPoint. Este material foi apresentado primeiro às crianças e depois às famílias, em reunião de pais.

Consideramos a apresentação do portfólio um rico momento de avaliação. Ao dar às crianças a visibilidade do processo, percebemos o que ficou para elas de experiência, além de oportunizar um novo olhar sobre as práticas artísticas. Neste momento, percebemos quais foram as atividades mais significativas para as crianças. Ressaltamos a euforia ao ver as produções feitas a partir das obras *O gato Azul* e *Doze girassóis em um vaso*. Observamos na fala das crianças muito mais do que a aquisição de técnicas: o que apareceu no vocabulário foi a trajetória do trabalho, com nome dos artistas, obras e suas características. No caso deste projeto, ainda surgiu o repertório da literatura apresentada.

Na prática, avaliamos este projeto de maneira positiva pela identificação das cores e pela presença variada delas nas produções que vieram após o projeto. Avançamos na técnica do uso da tesoura e pincel, superando muitas dificuldades.

Refletimos que o desenho da figura humana para as crianças ainda era um desafio, e o retomamos em atividades posteriores.

Com o desenvolvimento deste trabalho conseguimos que as crianças, no momento do desenho ou da pintura, apresentassem mais autonomia e segurança. As apreciações não partiram só de nós, professoras, mas também das próprias crianças. Assim sendo, posso dizer que os resultados estiveram bem próximos do que esperávamos no início do projeto – se é que não superaram nossas próprias expectativas!

Sou professora de Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental I na rede pública e em escola particular há mais de 25 anos. A literatura infantil sempre esteve presente no preparo das minhas aulas, seja para uma proposta de atividade ou para leitura deleite. Ter a oportunidade de planejar e executar um projeto de arte com o apoio de um livro, rico em enredo e ilustração, foi motivador. Mas não bastava ter um bom livro em mãos: a proposta precisava ir além. Nesta busca – e também na realização de todo o projeto – tive como parceira a professora Keila. Realizamos o trabalho juntas, e não posso deixar de registrar aqui como foram importantes as suas contribuições.

Para realizar este projeto e alcançar os objetivos propostos, não poderíamos nos prender apenas a esta obra literária. Foi necessário, portanto, colocarmo-nos na condição de pesquisadoras para enriquecer este trabalho, trazendo o mundo das "Belas Artes" – na forma de obras de artes visuais – a esta proposta.

A dedicação e compromisso aconteceram desde o primeiro momento, quando ainda pensávamos e discutíamos sobre o que e como fazer, quando conversávamos sobre nossas observações em relação aos desenhos das crianças. Ao passarmos para a etapa de planejamento das atividades, a dedicação e o compromisso extrapolou os muros da escola, com pesquisas e aquisição de livros para o enriquecimento do trabalho e para um desenvolvimento do projeto que o tornasse único a cada encontro, trazendo obras, técnicas e materiais diferentes, mas mantendo a estrutura pensada: atender as insatisfações apresentadas pelos gizes de cera da história. Depois, este compromisso se estendeu para o cuidado com que conduzíamos cada encontro e na preparação e apresentação dos portfólios.

Disponibilizamos tempo fora do horário escolar para a pesquisa, preparação de atividades, seleção de fotos, execução do portfólio. Investimos na aquisição de livros.

Obviamente, o trabalho com os objetivos propostos não findou com este projeto: esses objetivos permearam nossos trabalhos de artes durante todo o ano, nos outros projetos que vieram na sequência. No decorrer da escrita desse relato, refletimos sobre a nossa escolha das cartas que apresentamos para as crianças: deixamos de apresentar duas delas, das cores Roxa e Salmão. Hoje faríamos diferente, apresentaríamos todas.

O desenvolver deste projeto, bem como a escrita deste relato, lembram-nos da importância da pesquisa e do envolvimento na área da Educação, bem como da necessidade de registrar – mais sistematicamente – nossos trabalhos e ter a oportunidade de refletir sobre eles. Como grande lição, levo o fato de nunca subestimar a capacidade de uma criança em fazer algo e de um professor em mediar um conhecimento. Explico melhor esta lição: ao surgir a ideia de fazer os girassóis de Van Gogh, fiquei assustada, e só consegui pensar que as crianças não conseguiriam fazer aquilo, que era uma "missão impossível" o que estávamos pensando. Mas com nosso

planejamento cuidadoso dessa etapa – fazendo, até, nós mesmas o trabalho antes para vivenciar a experiência e pensar nas dificuldades envolvidas – e com o interesse das crianças, conseguimos transformar a experiência que talvez fosse a mais difícil do projeto na mais recompensadora.

O difícil é tentar atingir os mesmos objetivos de outras formas. Isso porque costumamos trabalhar com os mesmos alunos por, pelo menos, dois anos. Portanto, o projeto do ano passado não vale para esse ano, para que as crianças possam passar por experiências diferentes. Mas o que aprendemos ficou guardado, e sempre há um jeito de pesquisar mais e buscar novos caminhos.

Ao lembrar a trajetória do trabalho, o revivemos e afirmamos que valeu a pena!

Reflexão

Essa experiência, esse projeto pode ser replicado por outros professores com certeza. Aliás, foi com essa certeza sobre nosso trabalho em Artes na E.M.Bonfim que fomos convidadas – e aceitamos – neste ano a apresentar um pouco da teoria e da nossa prática para os colegas do Grupo de Estudos em Educação Infantil da Secretaria de Educação de nossa cidade. Logo em seguida, fomos convidadas – eu e a professora Keila – a participar do projeto Trupe de todos nós, onde boas práticas escolares são divulgadas em outras escolas. Como nosso projeto é razoavelmente simples, creio que sua replicação exija, somente, a dedicação e o compromisso dos professores. Obviamente, seria necessário ter o livro e as obras de arte em mãos, pois materiais outros sempre podem ser adaptados. O que não dá para adaptar é o compromisso do professor com o trabalho: esse é insubstituível. Em relação ao aprendizado, os professores que quiserem replicar esse trabalho podem esperar grandes aprendizados: mais do que aprender cores, usar tesouras e manusear diferentes materiais, dar espaço às artes de maneira sistemática nas escolas, tendo em vista sempre a fruição, a análise e a produção, é abrir as portas para um novo mundo para nossas crianças. E como disse sabiamente Wittgenstein “Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”. Portanto, ao abrir essas portas para uma criança, expandimos, obrigatoriamente, sua linguagem e seu mundo... Quer conquista maior que esta?